

# Nem o Vasco ajuda FHC

Três derrotas seguidas balizam rota de fase de azar. Começou com a Seleção feminina de Vôlei, traída pelos nervos na reta final e perdendo para Cuba, em mais um encontro na série quente da velha rivalidade. Enfim, resultado dentro da lógica para adversário mais experiente, de altíssimo nível técnico e na maturidade de todos os recursos que forjam os grandes campeões. Perdemos quando tínhamos esperança de ganhar. Sequer chegamos ao pódio na disputa pelo consolo de bronze do terceiro lugar.

E foi apenas o início, a estréia na abertura da temporada de caiporismo. O vôlei masculino, depois de trajetória brilhante, emplacando 3 x 0 contra Cuba, afogou a chance de conquistar o título inédito contra a experiente Seleção da Itália, tricampeã do mundo. Não custa a reverência ao adversário superior. Mas é duro carpir a segunda derrota, com o título escapando por entre os dedos em partida dramática, decidida no quinto set, depois do 2 x 2, arrancado a duras penas, quando a Seleção renovada brigou contra a instabilidade dos nervos tensos e a alta qualidade da fabulosa equipe italiana. Perdemos também o bronze contra Cuba, que foi à forra no repeteco.

Na azeda manhã de ontem, a derrota do Vasco contra o Real Madrid doeu mais fundo do que os dois insucessos do vôlei. Primeiro, porque em que pesem a ascendente popularidade do vôlei campeão olímpico e a bagunça que a cartolagem implantou no futebol brasileiro em geral – e com requintes de incompetência amadorística, no futebol carioca que não conseguiu classificar um único representante entre os quatro finalistas do Brasileiro –, o rei conserva a pose, apesar do manto puído e da coroa de dourados duvidosos. Depois, o Vasco preparou-se para a decisão da sua vida, fechando as comemorações do centenário. Desprezou tudo para ganhar o título de campeão Mundial de Clubes. Desrespeitou regulamento, brigou, bateu pé e viajou para o Japão com 13 dias para a adaptação ao fuso horário que troca o dia pela noite e ao clima de temperaturas abaixo de zero.

Tudo parecia a favor. Tarde de sol em Tóquio, 14 graus de temperatura camarada, grama seca, torcida simpática. A ilusão durou pouco. O Vasco fez um primeiro tempo medíocre, retrancado, tocando mal a bola, errando passes, Ramon, Juninho e Luizinho sumidos no meio de campo. Aos 25 minutos o toque de azar do incrível gol contra de Nasa, desviando de cabeça o centro longo de Roberto Carlos e tirando o impecável goleiro Carlos Germano do lance. Se mal andava, o Vasco piorou, perdeu-se, cedeu o mando de campo para a exibição de classe do adversário rico, comprador de craques nos mercados do mundo.

Acalmou-se no vestiário e voltou outro no segundo tempo. Empatou aos 12 minutos, com belo chute cruzado de Juninho, assumiu o comando da partida, chegou a encurralar o Real Madrid. Mas a velha máxima do futebol e da vida abateu mais um desobediente: quem não faz, leva. O Vasco levou e contribuiu com a incompreensível substituição de Wagner por Vítor. Não deu para entender a intenção do técnico Antônio Lopes. Mas não é caso de atirar pedras no correto e competente treinador. Ninguém poderia imaginar que, na primeira intervenção, Vítor entregasse a taça ao Real Madrid com a bisonhice da tentativa de aterrar Raul dentro da área, levando drible desmoralizante e limpando o ângulo para o chute colocado, fora do alcance de Carlos Germano.

Não havia mais nada a fazer. Três derrotas disputando títulos mundiais é dose que recomenda bater na madeira, apelar para as rezas, a água-benta, os patuás, as figas da fé de cada um.

Nem só no esporte purgamos os padecimentos de período de céu carregado de nuvens negras, de crises, temporais, enchentes, desastres.

A menos de um mês da posse do presidente bisado e início do segundo mandato de Fernando Henrique, o clima de véspera mais parece o de fim de festa de governo que se despede sem deixar saudades. Os badalados 36 milhões de votos da consagração no primeiro turno volatilizaram-se diante da realidade que a campanha escondeu. Além dos diálogos dos grampos do BNDES que fizeram cinco vítimas, o quadro manchado de juros na lua, empréstimos do FMI para tapar os buracos da fuga dos dólares da reserva cambial, desemprego e o tom pessimista do discurso oficial a prometer um 1999 de cortes no osso dos salários e dos investimentos sociais.

Nem o Vasco ajudou a espantar o azar.